

OS NOCTURNOS MERECEM RESPEITO OU A SALVAÇÃO DO BRASIL EM 1º DE ABRIL

Otávio Rios*

O poema integra o livro *Peregrinatio ad Loca Infecta*, mais precisamente na sua terceira parte, e se insere no seio de um conjunto de textos que funciona como uma espécie de diário poético de Jorge de Sena pelo exílio. Como é sabido, o autor viveu em terras brasileiras de 1959 a 1965, enquanto vigia em Portugal o regime salazarista, cuja derrocada se deu apenas em 1974 com a Revolução dos Cravos. Se, como poucos escritores portugueses de seu tempo, Sena estabeleceu uma profunda relação com o Brasil (lembremo-nos de que foi professor universitário em São Paulo), talvez por isso mesmo a sua produção literária ultrapasse uma visão idílica e caricata do país de acolhimento.

Testemunha da ditadura portuguesa, Jorge de Sena acompanhou o desenrolar dos fatos que, em 1964, converteram o Brasil de uma jovem democracia promissora (de estadistas como Juscelino Kubitschek e João Goulart) em uma ditadura civil-militar, cujo regime perduraria até 1985. É sobre os acontecimentos enredados nessa conjuntura política que o poema “Os nocturnos merecem respeito ou A salvação do Brasil em 1º de abril” reflete. Para Sena, a ascensão ao poder de um grupo ilegítimo, obrigou-o não apenas a posicionar-se poeticamente, mas significou o aprofundamento de seu próprio exílio: um duplo golpe na liberdade de expressão e no modo de viver. Por meio da literatura seniana, Portugal pôde acompanhar, mesmo que de forma indireta, os tristes fatos que pautaram nossa vida nacional.” Há 55 anos o Brasil foi vítima de um Golpe de Estado cujos meandros Jorge de Sena registrou.

Os tempos de agora não são os mesmos de 1964, mas muito do discurso que circulava à época em que Jango foi deposto reverbera na sociedade

brasileira de hoje, que experimenta a ascensão de uma nova direita, igualmente comprometida com expurgar “comunistas” e preocupada em proteger a “família” e a “nação” – Brasil acima de tudo! Deus acima de todos! Como, então, não falar de política? Todavia, não quero fazer deste comentário um esboço do meu próprio ideário. Basta que se leia um breve trecho do preâmbulo “À Nação” do “Ato Institucional N° 1 (AI-1)”, que, publicado dias depois à deposição de João Goulart, dá forma ao regime de governo que se iniciava: “Para demonstrar que não pretendemos radicalizar o processo revolucionário, decidimos manter a Constituição de 1946, limitando-nos a modificá-la, apenas, na parte relativa aos poderes do Presidente da República, a fim de que este possa cumprir a missão de restaurar no Brasil a ordem econômica e financeira e tomar as urgentes medidas destinadas a drenar o bolsão comunista (...)”. “Os nocturnos merecem respeito ou A salvação do Brasil em 1° de abril” marca a cronologia de um estado de exceção, que se completará anos depois, em 1968, com o “Ato Institucional N° 5 (AI-5)”.

Se por um lado o poema de Jorge de Sena é um aceno atualíssimo para que reflitamos sobre a história (do Brasil e também de boa parte das frágeis democracias latinoamericanas da segunda metade do século XX), para que não nos esqueçamos daquela longa noite, por outro é construído nas bases de uma propositada hesitação estética, reveladora da dupla incerteza sobre o futuro. Escrito em 7 de abril de 1964, dois dias antes da edição do AI-1, Sena abre e fecha o poema com os versos “Como podem chamar noite a isto?”. Lançando mão de uma construção bastante original, o poeta nos arrasta para dentro do poema e nos faz pensar, com Karl Marx, que a “A história se repete, a primeira vez como tragédia e a segunda como farsa”. Poucos meses depois, Sena deixou o Brasil e autoexilou-se nos Estados Unidos da América, onde foi professor universitário de destaque e veio a falecer em 1978.

* Professor Adjunto da Universidade do Estado do Amazonas, onde leciona no curso de Letras – Língua Portuguesa e no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (Teoria, História e Crítica da Cultura). É Doutor em Letras Vernáculas (Literaturas Portuguesa e Africanas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e realizou Estágio Pós-Doutoral, com bolsa Capes, junto ao Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Uporto). Foi Presidente da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (ABRAPLIP) de 2013 a 2015.